

Mountain College e na experiência de vida coletiva na rural Stonypoint e, por fim, ao longo das décadas de 1970 e 1980, produziu libertariamente escritos de combate ao que chamou de linguagem militarizada.

Contudo, a cada tradução, a cada transcrição do artista, algo que para certos anarquistas não possui idioma ou território, torna-se ainda mais explícito os combates à política e à autoridade. Em outras palavras, no presente, a edição de um livro acerca de uma vida como a inventada por Cage, mais do que regozijar curadores e editores, é um convite à sedição. Ou melhor, àquilo que os anarquistas há muito tempo chamam de *ação direta*: agir no presente, sem deixar-se representar por outrem, afirmando práticas livres.

Repensar a anarquia ou anarquizar o presente?

ACÁCIO AUGUSTO

Carlos Taibo. *Repensar la anarquía. Acción directa, autogestión, autonomía*. Madrid, La Catarata, Tercera Edición, 2015, 198 pp.

O livro de Carlos Taibo pode ser lido num amplo conjunto de produções e análises contemporâneas sobre

Acácio Augusto é pesquisador no Nu-Sol e doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Atualmente desenvolve pesquisa de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Política da UVV (Universidade de Vila Velha) com bolsa CAPES no qual atua como professor credenciado. Atua também como professor visitante no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da UFES. Contato estadoalterado@yahoo.com.br



Repensar a anarquia ou anarquizar o presente?

a anarquia e os anarquismos, tais como os recentes livros de Tomás Ibáñez, Osvaldo Escribano, Daniel Barret, M. Ricardo de Sousa, entre outros, para ficarmos na produção, por assim dizer, ibérica, incluindo aí *Nuestra America*. A demarcação geográfica justifica-se por ser uma produção um tanto diversa do que poderíamos denominar de produção anglo-saxã, que vai de Saul Newman a David Graeber. De qualquer maneira, o que há em comum nesta reflexão contemporânea, seja ibérica ou anglo-saxã, é o fato de que estamos atravessando um renovado interesse nos anarquismos e na anarquia, que ultrapassa a demarcação de “pesquisa historiográfica” e movimenta análises do presente em uma perspectiva anarquista. Há diversos fatores, apontados de maneira diferente por cada escrito, que podem explicar esse interesse. Mas há dois que aparecem com maior regularidade: a crise planetária (econômica, política, social e ecológica) que se estabeleceu logo após a euforia do triunfo da democracia liberal globalizada pós-guerra e a impotência do marxismo e da socialdemocracia em produzir respostas a este estado de crise – sendo este segundo argumento, o mais presente nas leituras europeias.

Carlos Taibo é professor titular na Universidade Autônoma de Madri e militante anarquista em associações na Espanha. Participou e escreveu sobre o movimento antiglobalização no final dos anos 1990, além de se ocupar, como pesquisador e militante, de temas como ação direta e anarquismo, sempre próximo das atividades promovidas pela CGT espanhola. Ultimamente se voltou para a questão ecológica riscando o verniz ambientalista e atento ao que nomeia “ecofascismo”. Insiste em que o colapso ecológico é um desdobramento lógico do capitalismo e que é preciso caminhar para o decrescimento, questões que



trata de maneira mais detalhada em livro recente, *Colapso: capitalismo terminal, transição ecológica e ecofascismo*, de 2016.

Taibo inicia *Repensar la anarquía* afirmando esse interesse contemporâneo pela anarquia e os anarquismos. Mas alerta que não se trata de um livro de introdução ao anarquismo ou inscrito no que se chama de “pós-anarquismo”. A preocupação declarada do texto é abrir uma discussão sobre as experiências e escritos do que se define como anarquismo clássico frente às lutas e questões do presente, como, por exemplo, as lutas ecológicas. Conforme anota na apresentação, “de modo algum pretendo abordar nestas páginas os muitos debates em torno de um pensamento tão complexo e diferente como é a proposta anarquista. Contento-me em oferecer material aberto para discussão – nunca um texto fechado e incontestável – dirigido, antes de mais nada, a pessoas que têm alguma experiência militante, ou seu conhecimento, em movimentos sociais ou sindicatos” (p. 16). Trata-se, por isso, de um texto enxuto, mas preocupado, como já apontado por Ibáñez, em pensar o anarquismo como movimento, nos dois sentidos: como prática dinâmica e como dinâmica de lutas. Alerta, como anarquista, que toma o adjetivo libertário como sinônimo de anarquista, ainda que eventualmente se use o primeiro para designar práticas que não são declaradamente anarquistas, como experiências que se proclamam autogestionárias ou de democracia direta.

Embora discuta a anarquia e sua presença nos movimentos em âmbito planetário, o livro é muito marcado pela experiência na Espanha, com seus sindicatos livres, ateneus e *okupas*, mas, sobretudo durante e após os movimentos de assembleia de praças em 2011 que ficaram



Repensar a anarquia ou anarquizar o presente?

conhecidos como 15M ou foram nomeados pela mídia local como movimento dos *Indignados*. Fato este que trata, mais diretamente, no epílogo desta edição, ressaltando as confusões (involuntárias e propositais) no interior do movimento em relação às práticas anarquistas. Consta que a agitação nas praças, ao fim e ao cabo, esteve muito aquém de uma possibilidade de transformação, funcionando mais efetivamente para renovação do quadro da democracia representativa local, com novas-velhas figuras como o Podemos, embora o autor demonstre esperança de que se tenha produzido algo interessante, do ponto de vista anarquista, muito mais pelo “processo nas ruas, que pelos resultados”. Como anota mais ao final, “hoje sabemos, que apesar de, sobretudo o 15M, germinar algo em meio ao calor dos acontecimentos, a intensidade do processo foi muito menor do que anunciava nosso desejo” (p. 195).

O livro está dividido em oito breves capítulos, que tratam do anarquismo, da crítica à democracia delegativa e da defesa da democracia direta; da questão do Estado hoje, das polêmicas históricas e das atuais, das experiências de espaços libertários, da questão da autogestão e da atual luta contra o capitalismo, até chegar a uma discussão acerca da relação do anarquismo e dos anarquistas com as lutas que emergem nos anos 1960, como feminismo, ecologia, pacifismo e os movimentos de objeção de consciência no pós-II Guerra. No entanto, no que se refere às práticas que denomina “novos ares” (p. 136) para o anarquismo, a atenção especial se volta aos movimentos de decrescimento, desurbanização, destecnologização e descomplexificação. Ações estas que derivam da crítica ecológica, buscando se distanciar do primitivismo de John Zerzan, mas também sem aderir totalmente ao que Murray Bookchin chama de



ecologia social, a quem Taibo dedica uma crítica bastante pertinente ao que define como “anarquismo social”. Taibo chama atenção para como a crítica de Bookchin ao “anarquismo como estilo de vida” é bastante grosseira e ignora o quanto a contracultura dos anos 1960 foi capaz de produzir uma crítica contundente ao puritanismo que muitas vezes grassava inclusive entre os anarquistas. E da mesma maneira que critica o primitivismo de Zerzan, vê em Bookchin o oposto, ou seja, uma excessiva fé na capacidade das tecnologias em produzir soluções. Em suma, a proposta ecológica de Taibo, tanto do ponto de vista político, quanto social e econômico, é em favor de sociedades menores e menos complexas (p. 150).

Toda essa produção contemporânea sobre anarquismo não se deve apenas às razões apontadas acima, mas também por uma entrada, bastante significativa dos anarquismos nas universidades em todo o planeta, espaço no qual, até então, eram vistos como pré-políticos e desprovidos de teoria. Na verdade, essa recusa passava pelo domínio do marxismo e suas derivações, especialmente nas ciências humanas e porque não existe, entre os anarquistas, um corpo doutrinário, o que o torna uma prática de difícil domesticação pelos saberes. Hoje isso foi vencido pela insistência de muitos professores e pesquisadores — como foi no Brasil desde os anos 1980, pelo trabalho de anarquistas como Edson Passetti, Margareth Rago, Silvio Gallo e tantos outros estudantes e pesquisadores —, mas também porque a universidade mudou.

Taibo, assim como muitos do que se propõem a (re) pensar o anarquismo hoje a partir do esgotamento social, político e analítico do marxismo e suas teorias sociais correlatas, correm o risco de enquadrar o anarquismo



Repensar a anarquia ou anarquizar o presente?

como uma teoria, uma alternativa, e, finalmente, uma política. É evidente que, seja para os chamados clássicos, seja para o que se entende por contemporâneo, existe entre os anarquistas a crítica mais radical ao que somos e no que nos tornamos na chamada era moderna. No entanto, ao figurar no leque de alternativas dentro do quadro do pensamento social, o anarquismo pode perder sua potência como atitude crítica que não pretende maioria.

Nesse sentido, diante de tantos esforços em repensar e atualizar os anarquismos, é sempre bom lembrar que o decisivo para as lutas, sejam do passado ou do presente, é anarquizar aqui e agora. O livro de Carlos Taibo, assim como grande parte da produção contemporânea sobre anarquia e os anarquismos, interessam mais para se anarquizar presente do que para repensar a anarquia, pois como se sabe, o pensar é o território fértil para os fantasmas da razão e suas inúmeras justificativas para violências, tiranias e artifícios teóricos em torno do bem comum. Se a crítica ao Estado e ao capitalismo, perpetrada pelos anarquistas desde o século XIX, é tida com maior relevância na política contemporânea, isso decorre do Estado ser um feixe de relações múltiplas e heterogêneas de poder; porém, o decisivo, a despeito de qualquer utopia, é aboli-lo nestas relações e em cada um.

